



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA CONSTRUÇÃO DE PROFESSORES DA CIDADE DE SOUSA-PB, COMO RECURSO PEDAGÓGICO: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

José Venâncio Soares Vieira¹
José Francisco Veríssimo Galdino²
Margysa Thaymmara Bezerra Rosas³

RESUMO

O presente relato de experiência propende expor os acontecimentos de um minicurso apresentado na Cidade de Sousa-PB aos professores do município. Utilizar-se da arte de contar história resgatando o incentivo do hábito da leitura e despertando a imaginação dos professores ou mediadores inicialmente para que os mesmo monte estratégias que cheguem aos nossos alunos. Justifica pela necessidade de reavivamos a arte de contar histórias dentro do contexto escola, utilizando a história como um excelente recurso pedagógico para o desenvolvimento pleno dos alunos. Esse relato está embasado em Lajolo (1981) nos levando a uma das inúmeras definições do que é literatura e seus efeitos imaginários e a literatura e seus efeitos imaginários e reais; Zilberman (1994) entre o passeio da palavra infância desde o século XVII até hoje; Coelho (1995) e suas considerações sobre os contos de fadas; Marcuschi (2010) com o método de retextualização de um gênero para o outro e Morais (2004) com metodologias para levar o texto a sala de aula.

Palavras-chave: Contar histórias. Literatura. Gênero. Retextualização.

INTRODUÇÃO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas. Não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e de seus contos característicos. (TAHAN, 1957, p. 25)

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, josevenancio5553@gmail.com

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, jverissimo115@gmail.com

³ Orientadora Mestra em Sistemas Agroindustriais UFCG, Licenciatura plena em Educação Física pela UEPB, Magisatbr@hotmail.com



A partir de da citação supracitada percebemos o quanto as histórias contadas nos proporciona prazer desde da criança ao adulto, sem discriminação social com isso comecei a indagar porque as escolas não utilizam este recurso para desenvolver a aprendizagem dos alunos buscando estratégias em relação as metodologias que utilizam a ludicidade para a promoção de aprendizagem. Promovi um minicurso decidido pelo tema relacionado a contação de história com o intuito de trabalhar a arte da narração de histórias, objetivando entender como acontece a leitura nas escolas com experiências em ouvir histórias e observando o encantamento das pessoas quanto à ação da contação, a forma com que a historia chegava ao interlocutor e obviamente à reflexão que a narrativa proporciona.

FUNDAMENTAL TEÓRICA

A falta de expressividade do professor garante-lhe muitas vezes o fracasso na comunicação com os alunos, no estabelecimento da relação afetiva propícia à aprendizagem e outros fatores relevantes para o processo educativo. Diante dessa realidade educativa, que se mostra fragmentada e que pouco favorece a aprendizagem faz-se fundamental buscar novas alternativas metodológicas que possibilitem ao professor ou mediador o desenvolvimento de habilidades e competências para trabalhar com a linguagem oral e através dela garantir o acesso dos seus alunos à cultura, como um bem universal a produção de novos conhecimentos.

Segundo os PCNs :

A regulação do pensamento e da ação, próprios e alheios, mas, também, comunicar idéias, pensamentos e intenções de diversas naturezas e, desse modo, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais anteriormente inexistentes.(BRASIL, 2000, p. 24) língua verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social e, desde o movimento em que é aprendida, conserva um vínculo muito estreito com o pensamento. Possibilita não só a representação e a

Com a citação supracitada percebemos que o uso da linguagem verbal desperta e aproxima as construções entre o social real e ficcionais de uma população. Com isso o ato de contar é se utilizar de muitas linguagens desde verbal a corporal, percebemos que muitos



professores do município de Sousa estão levando as histórias para contar aos alunos sem nenhuma expressão tão pouco interesse, isso leva os alunos a não querer saber dessas histórias ocasionando aos mesmos não gostarem de ler. Os professores devem entender primeiro a relação dessas linguagens junto ao contexto, Lajolo chama atenção essa relação:

É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana. (LAJOLO, 1981, p.38)

Partindo da necessidade reviver a prática da narração na escola, com o objetivo de aproximar o contato do lúdico com a literatura, essa literatura citada por Candido:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade.(CANDIDO, 1972, p. 53)

Através do conhecimento da literatura e seu uso leva o professor a contação de histórias, compreendendo como a expressão criadora estabelece um canal de interlocução entre atividades verbais e lúdicas e a leitura, e identificar como a utilização da à leitura, através da contação de histórias, pode ser usada como metodologias para o desenvolvimento dos sujeitos e melhoria do desempenho escolar e pessoal, através da ação de contar histórias. Os contos de fadas será um bom passo para levar esses professores a contruir uma imaginação e depois levarem aos alunos, em uma breve citação de Costa percebemos a nessecidade partindo desses contos:

(...) A função pedagógica dos Contos de Fadas, quase como regra, era afastar os pequenos dos perigos... além disso, encontra-se em muitos desses contos a defesa de valores como a virtude, o trabalho e a esperteza.(COELHO, 1995, p.31).

Ao contar histórias e ouvir-las por um bom contador onde podemos nos transportar para vários mundos imaginários. Através desse minicurso as aulas que os professores se



basearem na que forão expostos, tornará as mesmas mais expansivas, abrangendo vários assuntos de uma gama de possibilidades de escutar os nossos alunos. A contribuição dos professores em esquematizar as leituras de acordo com a faixa etaria dos alunos e as nessecidades dos mesmos, para melhor compreender essa contribuição em relação as crianças citamos Carvalho:

[...]cabe ao professor articular esquemas de leitura e escrita gradualmente complexos e significativos, conforme o grau de entendimentos da criança, direcionados de forma que venha a constituir argumentos em que a própria criança possa buscar novos conhecimentos e conteúdos de seu esquema de leitura, pois cada criança traz consigo sua cultura empírica, seus valores conforme o grupo social no qual está inserida. Então para que o professor possa respeitar as individualidades, é importante que se faça um diagnóstico prévio, partindo do momento em que a criança foi inserida na educação formal. (CARVALHO, 2009, p.277)

E dessa forma, o currículo será contextualizado e interdisciplinado, e as historias envolverão os conteúdos de acordo com cada uma que fosse contada. A contação de histórias propicia numeras possibilidades de se desenvolver, ela promove e também é a oportunidade de levas nos alunos ao livro contribuindo para a interação e a socialização dos mesmos.

1. CONCEPÇÃO TEÓRICA DE GÊNEROS TEXTUAIS

Durante muito tempo perpetuou-se a ideia de que gênero, na concepção tradicional, era a distinção da tríade clássica entre narração, descrição e argumentação. Desde a época pré-cristã, os sofistas, pensadores gregos, faziam uso da retórica como ferramenta de persuasão. Opondo-se a eles, Aristóteles debruça-se sobre o estudo da retórica, mas com outra finalidade, o filósofo buscava a verdade, essência. Platão foi primeiro autor a sentir a necessidade de categorizar as obras literárias, embora ainda estivesse perante a ótica clássica, onde forma e conteúdo eram dissociáveis. Aristóteles, por sua vez, classificou os gêneros literários sob o prisma da estrutura composicional, verso e prosa, e conteúdo temático, lírico, épico e dramático.

Diante deste breve contexto histórico de surgimento, constatamos que, ainda hoje, quando se volta para o ensino e aprendizagem dos gêneros ainda há abordagens clássicas e



mecânicas e, por sua vez, os abordam de maneira descontextualizada, com frases soltas e fora do seu contexto de produção. No entanto, este ensino foi encontrando eventos linguísticos não explicáveis no nível da frase. Logo, surge a linguística textual que propõe o ensino de língua portuguesa na perspectiva do texto, e estes passam agora a ser usados como pretexto para o ensino tradicional e, ainda assim, com frases soltas. Por conseguinte, muitos estudiosos e linguistas voltaram-se para o estudo das questões dos gêneros e sua aplicabilidade em sala de aula.

Dessa forma, em 1998, o MEC (Ministério da Educação), com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), sugere a utilização dos gêneros, neste caso os de língua portuguesa, como objeto de ensino, prática de leitura e produção de textos. Nessa perspectiva, muitos autores começaram a estudar e entender a complexidade dos gêneros.

Marcuschi (2002, p.19) definiu os gêneros textuais como “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”, ou seja, todas as nossas ações verbais se dão por meio dos gêneros, e ainda acrescenta que eles, os gêneros, “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas”, daí o seu caráter de estabilização e organização. O autor frisa que embora os gêneros textuais estejam presentes em qualquer contexto discursivo e possuam um “alto poder preditivo e interpretativo”, eles não são estruturas prontas e acabadas, mas como “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”, uma vez que eles se caracterizam mais por suas funções comunicativas e institucionais do que pelo seu caráter linguístico e composicional.

Para Bakhtin (1997, p. 280), há gêneros primários, àquele veiculados as atividades humanas centradas no cotidiano, constituídos em uma comunicação verbal espontânea, por exemplo: bilhete, carta, conversação oral etc., e há ainda os gêneros secundários, compreendem os mais estigmatizados, e presentes nas atividades humanas mais complexas e, conseqüentemente, mais evoluídas, que apreendem a leitura de textos literários, artigos, conferencias etc. Dessa forma, o autor concebeu os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados.” Para o autor, apesar da relativa estabilidade dos gêneros, eles estruturam-se em três características básicas: estrutura composicional, estilo verbal e conteúdo temático. Bakhtin também ressalta que há gêneros que seguem regras de produção mais “estereotipadas” e outros que possibilitam o uso criativo de cada escrito, ou seja, refere-se aos gêneros “mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos” (p. 301).



Diante dessa conjuntura teórica, os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam que os gêneros, tanto orais quanto escritos, são práticas discursivas que devem ser tratadas de modo sistemático e reflexivo sobre o uso e a estrutura da língua portuguesa, e que, de fato, precisam ser priorizados no âmbito escolar, partindo sempre do pressuposto de que o texto é fruto das interações sociais. Dessa forma, os PCNs, orientam os professores a trabalharem os conteúdos programados com base nos gêneros. Observando a concepção colocada em pauta por este documento, observamos uma concepção bakhtiniana, gêneros do discurso, para os gêneros textuais, como também, não há uma distinção entre os tipos textuais e gêneros textuais, pois como aponta Marcuschi (2002), os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção, enquanto os gêneros são incontáveis e compreendem desde um bilhete a leitura de um romance.

Portanto, diante da multiplicidade de gêneros existentes em nossa sociedade, fica evidente a sua importância no contexto escolar, como também, que não há um em especial para o tratamento em sala de aula, como evidencia Marcuschi, em sua belíssima reflexão. Embora os PCNs direcionem o ensino e que este tenha como suporte os gêneros, sabemos que ainda hoje, o tratamento dos mesmos em sala de aula ainda se dá de maneira sistemática, são sempre os mesmos, embora haja uma relativa diversidade dos gêneros presentes nos manuais didáticos. Dessa forma, fica claro que os PCNs entendem, de fato, a importância da interação pela linguagem, tendo em vista que esta abrange a materialização das práticas sociais, o que de fato, dialoga estritamente com as concepções dos gêneros enfatizadas anteriormente.

2. PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO

A Retextualização é segundo Marcuschi (2010) “um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita”, o que significa dizer que não se trata de um processo mecânico ou fácil, visto que não é algo natural, mas, poder-se-ia dizer, naturalizado”.



METODOLOGIA

O presente trabalho se constitui enquanto relato de experiência, que visa descrever formalmente uma vivência que possa contribuir de forma significativa para a área de atuação. Trata-se, portanto, de uma pesquisa descritiva, que como tal, segundo Gil (2008, p.28) é “a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Assim, o objetivo deste trabalho é descrever a experiência vivenciada com os professores da rede Municipal de Sousa-PB, no dia 21/08/2017.

DESENVOLVIMENTO

O minicurso foi planejado no dia 21/08/2017, apresentado com caráter reconhecedor e mediador de conhecimento para professores municipais da zona rural da cidade de Sousa, onde foi uma transferência de criatividade e experiência gigantesca entre mediador e participantes.

Antes desse minicurso acontecer houve um planejamento do mediador como cita segundo Vasconcellos (2000, p.79) o conceito de planejar fica claro, pois: “planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a ser realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa”.

O minicurso foi dividido em dois momentos. O primeiro momento conteceu uma dinâmica quebra gelo, levando os professores a fala seus nomes e quais personagens do mundo dos contos de fada eles queria ser, logo apos foi debatido o caminho da literatura infantil em determinados seculos e situações de cada epoca. No segundo momento o mediador levou situações diarias para ser construidas por cima da história contada a chapeuzinho vermelha, levando os participantes a usarem gêneros textuais junto a retextualização na contrução de novas historias partindo da chapeuzinho vermelho.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início houve um pouco de resistência por parte dos professores participantes do minicurso, os mesmos achavam que a prática de contar histórias já é algo que eles dominavam muito bem. Assim, de acordo com Tahan (1957): o professor conhecer em sua plenitude, na multiplicidade de suas faces, a técnica que preside e regula a ação do bom contador de Histórias.

A resistência foi logo quebrada após a dinâmica de conhecimento, assim introdução do assunto relacionado ao contar história, gerou uma discussão super calorosa e ao momentos do minicurso ouve um engajamento dos professores participantes, assim percebemos que o ato de escutar e de ajudar a construir um material metodologico foram os pontos fortes desse minicurso.

Ao fim das experiências os professores já interagiam bem no minicurso, a participação era constante, e o levantar de mão para opinar sobre determinado assunto era quase que frequente. Os professores mostravam interesse pelo assunto, diferentemente da resistência inicial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi uma experiência muito enriquecedora, no que diz respeito à prática pedagógica como professor em formação do Curso de Letras (UFCG, CZ), tendo a oportunidade de conhecer de perto a realidade dos profesosres, na experiência de planejar e ajudar sob o desenvolvendo a prática do ser professor em sala de aula. Assim, percebe-se um sentimento de gratidão dos professores e de crescimento acadêmico do mediador pela oportunidade de conhecer de perto a prática de cada docente.

Contudo, ainda precisa de muita discussão sobre essa prática de contar, visto que ainda é uma prática pouca pensanda para ser trabalhada os conhecimentos de mundo dos alunos em relação aos professores.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A abordagem dos gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa. In: PONTES, Antônio Luciano; COSTA, Maria Aurora Rocha (Org.). **Ensino de Língua Materna na perspectiva do discurso**: uma contribuição para o professor. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura**. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. Direitos humanos e..... São Paulo: Brasiliense, 1989.

COELHO, N. A. **história da história**. In: Ribeirão, R, O patinho Feio. São Paulo: Editora Moderna, 1995. P. 31.

COSTA, S.R. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

COSTA Marta Morais. **Metodologias do ensino da literatura infantil**/ Marta Morais Costa, 1º ed._ São Paulo: IBPEX, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social, pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas. 2008

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1981/ col. Primeiros Passos.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: Atividade de retextualização**. 10º. ed. _ São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria

Auxiliadora (Org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.194-207.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e de contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**/ Regina Zilberman, _ 8º. ed. São Paulo: Globo, 1994.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político. Pedagógico Cadernos Libertad-1. 7. Ed. São Paulo, 2000.

“Desenvolva sua arte de imaginar e surpreenda-se no mundo das possibilidades!”
(Autor desconhecido)